

## A História da Lepra em Jataí/Goiás (1940 A 1990)

SILVON ALVES GUIMARÃES<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O mundo moderno, ou como alguns preferem chamar, o mundo pós-moderno, tem sua característica bem marcada na sensação de ter controle sobre todas as ações. A ideia é que o estado moderno tenha o controle sobre tudo, que a medicina tenha o controle sobre as doenças, que a tecnologia tenha controle sobre as invenções, que a meteorologia tenha controle sobre o tempo e sobre as forças da natureza, que os pais tenham controle sobre os filhos, etc.

Esse controle, na visão dos seus idealizadores é o que possibilita manter a ordem e a unidade do que antes era disperso. No entanto, para se conseguir este desejado controle, o uso da violência tem-se feito necessário, afetando profundamente a sociedade quanto à postura social e até mesmo no que se refere a sua identidade. O Estado Moderno utiliza o controle, como aparelhagem em uma nova forma de domínio, definindo e redefinindo novas exigências e novas proibições sociais, e também, novos tipos de medo.

Na definição sobre o que é “bárbaro” e o que é “civilizado”, o Estado, neste caso, os seus representantes, estigmatizam o que deve ser seguido e o que deve ser abandonado. Desta forma, ocorre uma estereótipação dos sujeitos, sendo excluídos aqueles que não se enquadrarem nos padrões estabelecidos pelas normas de controle. Na análise que Norbert Elias (2011) faz sobre o surgimento de conceitos e estereótipos, criados a partir de uma tentativa de “controle civilizador”, ele nos mostra que os conceitos têm vida e sofrem a ação do tempo histórico, podem desta forma criar identidades, no caso à identidade dos excluídos.

*Os termos morrem aos poucos, quando as funções e experiências na vida concreta da sociedade deixam de se vincular a eles. Em outras ocasiões, eles apenas adormecem, ou o fazem em certos aspectos, e adquirem um novo valor existencial com uma nova situação. (ELIAS, 2011:26).*

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí. Trabalho orientado por: Ms. Murilo Borges Silva. Coordenador do subprojeto PIBID História Jataí/Goiás, financiado pela Capes.

Contudo o que observamos é um descompasso enorme na sociedade, provocado pela ambição de vivermos num ambiente ordenado, previsível e controlado. Entre as contradições e os paradoxos existentes no mundo atual, um dos mais significativos e intrigantes é, sem dúvida, o nosso incontornável medo da morte; mais que isso, da morte precedida por um estado mórbido, associado a uma marca estigmatizante.

O discurso médico-científico sobre as doenças tem sido utilizado, na tentativa de colocar nosso medo ancestral num registro controlável. No entanto, esse mesmo discurso se mostra frágil, insatisfatório e incapaz de prover uma segurança, nos tornando presas fáceis de outros registros discursivos mais diretamente inscritos no campo da subjetividade.

Se recorrermos a documentos antigos como os deixados pelos Babilônios, ou se pesquisarmos junto aos blocos operatórios do século XXI, poderá comprovar que “as atitudes face às doenças em nada se alteraram” (LE GOFF, 1985:7). As tentativas de combater os males físicos da humanidade têm movido os cientistas modernos em um esforço estrênuo, produzindo vacinas, soros, antibióticos e muito outros meios alternativos de combate às doenças.

Considerada, pelos historiadores, uma invenção da linguagem sobre um determinado fenômeno biológico, as doenças tem criado representações e imagens que produzem estereótipos e identidades marcadas. Uma história cultural da doença, tendo como objeto as representações sobre a lepra de meados século XX, abre um vasto campo de indagação em torno do papel do imaginário social sobre o significado histórico que a doença da lepra causou nos antigos, bem como as permanências deste significado até os nossos dias.

## O MEDO DA LEPROSA

Teriam os estigmas relacionados com o preconceito a doença, criado uma nova classe social? Qual a visão que os doentes têm de si e do mundo que os exclui? Perseguindo estas indagações, iniciamos uma pesquisa junto aos doentes da cidade de Jataí/Goiás, utilizando como fonte os seus depoimentos, as fichas médicas, prontuários, registros na câmara municipal e informações dos veículos noticiosos da época. Essa pesquisa nos possibilitou ver que esses portadores da lepra carregam, em pleno século XXI, as marcas estigmatizantes da

doença, revelando a correlação íntima entre pobreza e doenças, esta mostrando ser, sobretudo, um problema social.

A continuação destes estigmas, relacionados à Lepra, hoje chamada de Hanseníase<sup>2</sup>, não encontram uma explicação plausível, pois a doença já esta completamente sob controle, levando de seis meses a dois anos, de medicação, para que a cura se efetue, não deixando nenhuma sequela externa da presença da doença. No entanto, parece haver, no caso da Lepra, um lapso da linguagem preenchido por imagens recuperadas de antigas representações, havendo uma permanência da representação criada referente aos Leprosos de outros tempos, descortinando e trazendo de volta velhos resíduos de preconceitos insuspeitos e, entretanto, vivos, em meio às pessoas para sempre marginalizadas por marcas estigmatizantes, persistência esta que não encontra explicação na linguagem da medicina. São de fato, elementos do imaginário social falando mais alto que a ciência e condenando pessoas ao exílio voluntário, a se sujeitarem, a ser a figura excluída do outro em meio a nossa sociedade.

Maria Stella Bresciani (2000) levanta uma série de questionamentos com base na permanência do estigma preconceituoso, que paira sobre os portadores da Lepra:

*Dessa experiência surgia nova indagação: estaria circunscrita à lepra, doença cujos registros bíblicos evocam uma ameaça várias vezes milenar, a incapacidade médica de expressar seu impossível controle total? Por que outras moléstias igualmente letais livraram seus portadores da pecha infamante? Seria o eterno fantasma do perigo do contágio – declarado sob controle pela linguagem médica – elemento suficiente para obrigar pessoas a viverem apartadas? (BRESCIANI, 2000:12).*

As pesquisas comprovam que os portadores da Lepra são vistos como a figura do outro, por um estigma que é proveniente da condição física, mesmo que ausente de sequela externa, mas por evocação de uma representação acerca da Lepra. Se no passado as autoridades conduziam os doentes ao isolamento, por necessidade de contenção da contaminação, hoje o isolamento e a estigmatização encontra “apoio no arco alegórico plantado em nossos mais variados preconceitos: provações e castigos divinos inscritos no registro bíblico, somados à aura de

---

<sup>2</sup> Assim chamada em homenagem a Gerahard A. Hansen, que determinou o agente etiológico da doença.

mistério negativo sobreposta a experiências culturais fugidias às nossas formas de percepção” (BRESCIANI, 2000:12). Quando se trata de reconhecer o eu no outro, e trata-lo como meu igual, há uma constante dificuldade de nossa parte, sem dúvida.

Afinal, a Lepra é contagiosa? A descoberta de Hansen do bacilo que tem o seu nome (1874) parece ter definitivamente feito da Lepra uma doença infecciosa, contagiosa no seio da família ou do grupo social. A Lepra é uma doença poliforma, que pode se apresentar de duas formas extremas, chamadas polares. A forma lepromatosa, mutilante, de evolução grave e contagiosa, aparece em sujeitos desprovidos de resistência imunitária ao *Mycobacterium leprae*. É felizmente menos frequente que a forma tuberculóide, pouco ou nada contagiosa e que pode associar placas despigmentadas insensíveis à paralisia diversas. O bacilo dissemina-se, sobretudo através do muco nasal, da saliva, de lesões cutâneas ou supuradas, e transmite-se diretamente ou por intermédio de objetos usuais.

A ideia persistia, contudo, durante muito tempo, de que num grupo exposto apenas alguns indivíduos contraem a doença. Hoje, com novos elementos, conclui-se que a aparição da Lepra depende de vários fatores, entre os quais, talvez, uma susceptibilidade hereditária à forma lepromatosa.

## A LEPROSA CHEGA AO BRASIL

Italo Tronca (2000) chama atenção para uma particularidade nas narrativas e estudos sobre doenças, que é a “geografia” da origem das doenças. Há sempre a necessidade de localizar a doença geograficamente distante de nós mesmos, “num espaço de fantasia em que possamos isolar nosso medo, que nós dê a segurança de que não cometemos faltas, fomos invadidos do exterior, fomos poluídos por algum agente estrangeiro”. (TRONCA, 2000:79).

Assim, a Lepra foi identificada como não pertencendo ao Brasil, mas foi associada ao grande acontecimento do final do século XV, o descobrimento da América por Colombo e do Brasil por Pedro Álvares Cabral. Se a lepra foi ou não importada pelos marinheiros do descobrimento do novo mundo não é o mais importante do ponto de vista alegórico, do ponto de vista da representação. A lepra se tornou, também, o símbolo do castigo aplicado a uma sociedade que transgredira os limites impostos por Deus à missão do homem, a praga divina

pelo colapso do rígido sistema feudal, pelo nascimento do capitalismo e pela ambição de expandir o mundo conhecido a fim de alimentar o novo sistema econômico.

Durante o século XX, estudiosos do Brasil, retomaram a vida do padre Manoel da Nóbrega, que chegou à Bahia em 29 de março de 1549, acompanhando Thomé de Souza, o 1º governador geral do Brasil, ele veio chefiando os primeiros Jesuítas destinados ao serviço de catequização dos indígenas. Depois de viver nas aldeias, o Padre Manoel da Nóbrega, enviou cartas-relatório nas quais descreveu as doenças que observou nos indígenas, não descrevendo, entretanto, nada que se identificasse à Lepra, nem fazendo menção dela, levando-os historiadores brasileiros a conclusão de que a doença fora introduzida no Brasil a partir da colonização.

No entanto, Italo Tronca menciona que se faz imprevisível determinar essa origem do mal:

*No entanto, seria ilusório supor que a causação alegórica se esgote na mera explicitação de temas sociopolíticos, em que as explicações sobre a origem e a difusão da doença se adaptem segundo a simples e transparente mudança das constelações históricas... a alegoria só cumpre seu papel designado o locus, o lugar físico da doença, mediante narrativas em que se mesclam o pitoresco, o sublime e o bizarro. São tais elementos que permitem ao imaginário coletivo projetar-se em representações que criam e recriam a própria ideia de doença. (TRONCA, 2000:79).*

A alegoria, contudo só dissolve o tempo histórico se for ignorado o contexto em que está inserida e, portanto, haveria uma múltipla camada de significados possíveis em diferentes momentos da história.

## A LEPRA COMO CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS EXCLUÍDOS

Se fizermos um retrocesso buscando as origens da ideia de doença contagiosa, será possível compreendermos algumas das imagens alegóricas, formadas em torno da lepra. Italo Tronca (2000) cita Fletcher que localiza as raízes da noção de contágio ainda antes da tradição alegórica cristã. O tratamento da moral como um embate entre o vício e a virtude, uma luta entre os “germes morais, os bons e os maus”, iguais a dois exércitos em guerra.

Através dos anos, com a disseminação da doença no Brasil, houve a formação de colônias de hansenianos, onde eles eram ali instalados ficando até a sua morte. Em junho de 1926, na revista “Eu Sei Tudo”, Belisário Penna publicou um artigo intitulado “36 anos de Lepra”, onde ele apontava para o primeiro censo de leprosos no Brasil e fazia uma previsão de que por volta de 1946 o número de leprosos no Brasil, chegaria a mais de 180 mil.

As propostas para controle da doença eram várias. Por exemplo, em 8 de outubro de 1927, o Dr. Nicolau Ciancio, escreveu na revista, “A Noite”, que os leprosários deveriam ser construídos longe dos centros habitados. Ciancio propunha ainda, que estes leprosários fossem construídos em ilhas, onde os doentes poderiam ter todos os confortos modernos e ao mesmo tempo estariam isolados da sociedade.

Em Jataí, o Médico Higienista Dr. Lauro Taveira, propôs, em setembro de 1941, uma “infeliz terapia” na tentativa de controle da doença. Dorival Carvalho Mello, em “Jatahy, paginas esquecidas”, cita o projeto do Dr. Lauro Taveira:

*[...] se o governo não pode prestar assistência e isolar os morféuticos existentes pior será para o Brasil num futuro próximo... Resta ao povo uma medida, aparentemente desumana, única: negar-lhes, sistematicamente, óbolos e deixá-los entregues à morte por inanição, a fim de que a maioria se defenda do perigo de contaminação.*  
(MELLO, 2001:173)

Houve também a tentativa de levar os doentes para a Colônia Santa Marta (CSM), em Goiânia, onde eles seriam internados e permaneceriam ali até a sua morte. Mello menciona despesas que aparecem no livro de Registro de Despesa da Prefeitura, em 23 de fevereiro de 1945, destinado a “captura de leprosos” e seu transporte para a CSM. “A Onça tá vindo!” (Carro da Santa Marta) “Os doentes corriam todos, ficavam assustados, juntavam os filhos e se escondiam no mato, na malícia (Planta espinhosa)”. (Adélia Pereira Luz, Hanseniana, mora em Jataí desde 1956).

A abordagem aos doentes era sempre violenta, o que dificultava a aceitação dos tratamentos oferecidos na CSM. Dona Adélia disse que presenciou várias vezes as casas dos hansenianos serem queimadas para que assim, sem abrigo, estes estivessem dispostos a se internarem na Colônia Santa Marta.

A maior violência relatada pelos Hansenianos, porém, era serem separados de seus filhos. “levava um filho, a mãe não podia mais ver”... “Levava a mãe, os filhos não podiam mais ver”... “tinha menina que ia pra lá moça, menina nova ainda, morria por lá e não via mais a mãe”. Diz Dona Adélia.

Então porque houve tanta afluência de leprosos para a cidade de Jataí, se a maioria da população não os aceitava? Este questionamento é inquietante e não houve um consenso na resposta. No entanto, apesar de não aceitar os leprosos, a população local se mobilizava garantindo a todos os que se chegavam à cidade, adequadas condições de vida, em comparação com a vida a que eles levavam, nos vários locais onde se refugiavam.

A partir da criação do Centro de Saúde de Jataí (CSJ), hoje Centro Municipal de Saúde de Jataí (CMS), e 14ª Regional da Secretaria de Saúde de Goiás (RSSG), têm-se aplicado o plano de controle de Hansen de forma sistemática, havendo um controle positivo da doença.

## SIMBOLISMOS E ALEGORIAS DA LEPRA

Como levantado no problema, ouve em jataí propostas violentas para se tentar o controle da doença e houve também abordagens violentas, que objetivavam o encaminhamento dos portadores da doença para tratamento em Goiânia. Esta violência deixou um ponto de interrogação para os hansenianos quanto a quão bem intencionados eram os seus benfeitores. Como entender o significado destas representações criadas? Será possível desbaratar a simbiose entre o discurso cristão de caridade e a ação que produziu uma inquietação e uma interrogação, que não atingiu consenso para responder a pergunta: se houve tanta rejeição e violência para com os leprosos, porque a afluência não cessou?

O importante pensador francês, Roland Barthes, em sua obra “O rumor da língua”, faz uma significativa indagação sobre a análise histórica em que se utiliza o testemunho oral, sujeito a variações na sua construção, abrindo assim um parêntese importante sobre a questão da legitimidade que deve ter o discurso histórico.

Barthes nos mostra que existe, ou existiu, uma ilusão por parte de alguns historiadores de que a história poderia se contar sozinha e, portanto livre da intromissão do proponente do discurso. O conhecimento sobre lingüística e psicanálise, porém, pode evidenciar a



impossibilidade de se criar um discurso identitário completamente virgem, livre da intromissão humana.

As nossas reflexões, portanto, visa nos dar o aval para a apropriação do testemunho oral e documental como instrumento de partida de nossa fundamentação histórica. Ao procurarmos entender o conceito de representações e alegorias relacionadas à vivência de um grupo particular, reconhecemos que o tão desejado distanciamento, na verdade geraria uma narrativa fria e impessoal e os fatos poderiam encobrir as próprias mentiras, ou seja, a intromissão ocorre, sabendo que se escreve a partir de um determinado lócus e de certo posicionamento cultural e temporal.

Ao tentar um entendimento sobre os simbolismos criados a partir da doença, a lepra e dos efeitos sociais provocados por ela na cidade de Jataí, fazemos como que um retorno ao passado clássico, pois se trata de uma doença milenar e, portanto, surge aporias antigas ao percebermos que o pretendido nada mais é do que uma busca de novas respostas às velhas questões. A Nova História Cultural trouxe a borda um terreno fértil de ideias e temáticas onde o fato ocorrido pode ser floreado, manuseado, omitido, ampliado, etc. O reverso é também possível à medida que ao (re)criar ou (re)inventar, o historiador parte de sua condição de sujeito histórico/cultural e também fruto de leituras passadas, então, ao mesmo tempo em que interfere na história, pode ser também manuseado por ela.

Partindo de um estudo histórico sobre os efeitos sociais causados pela presença dos hansenianos na sociedade Jataiense, principalmente entre os anos 1940 e 1960, é possível estabelecer o conceito de fronteira e identidade na História, tendo como norte orientador a simbiose entre a civilidade e barbárie, atraso e modernidade.

## A LEPRA NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE UM POVO

A construção de fronteira e identidade, a construção da história de um povo, mesmo que feita através de registros médicos e periódicos de época, possui um caráter de aproximação da realidade por se tratar da análise de dramas pessoais vividos por pessoas reais com uma história real.



Os Leprosos, enquanto categoria histórica está alijada de alguns conceitos como o de modernidade, justamente por ser uma doença milenar, mas ao mesmo tempo esta categoria possui uma peculiaridade única que permite uma interpretação de mundo diferenciada, que, enquanto não o nega, o distancia, o coloca num lugar inatingível. Pode-se, portanto, utilizar a vivência dos Leprosos como fonte explicativa e, antes de tudo, como fonte histórica, partindo de um tempo histórico que seja relativo ao recorte do meado do século XX, e também elástico aos anos anteriores e posteriores.

A partir de entrevistas e análises dos prontuários médicos e dos periódicos da época, foi surgindo uma questão que não chegou a uma resposta clara e definitiva. Esse questionamento tem sido motivo de inquietação para muitos dos envolvidos na questão da lepra em Jataí, ou seja: Por que Jataí significava um abrigo seguro a todos os hansenianos que ali se refugiaram nas décadas de 1940 em diante?

Muitas hipóteses puderam ser levantadas, mas a mais pertinente e que se constitui quase absoluta entre os entrevistados é que, apesar de não aceitar os leprosos, a população local se mobilizava, garantindo a todos aqueles imigrantes adequadas condições de vida, em comparação com o que eles vinham tendo nos vários locais onde haviam se refugiado. Ali, em Jataí, mesmo fora do perímetro urbano, na vila Vicentina, os doentes, casavam-se, tinham filhos, recebiam muitas esmolas e contavam com um cerrado bem denso onde podiam se esconder caso chegasse a *onça* – patrulha da Colônia Santa Marta de Goiânia – GO (CSM).

Explica ainda um entrevistado, o senhor Hélio Caetano Fonseca: “era um povo de coração muito bom... aqui tinha um doente chamava Valério... naquela época o povo tinha tanto medo que, lá perto de Goiânia saiu gritando: Viva Jataí! Viva Jataí!, porque o povo daqui era um povo muito bom, ai nós veio pra cá” (74 anos, hanseniano desde os 8, na cama há 40 anos, vindo de Santa Rita de Cássia – MG nos anos 1940).

Em 1975, foi construído um salão paroquial onde passou funcionar a Clínica vicentina – Clínica do Padre Thiago: “nesse tempo eu ia três vezes por mês a Goiânia, em busca de internações e medicamentos na CSM. Eles ficavam lá de seis meses a dois anos, quando recebia alta retornavam pra cá”, onde muitos residem até hoje.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Michel Foucault, que se dedicou a história dos costumes, nos mostra que é possível através do estudo social determinar um conceito de fronteira, determinando uma identidade estabelecida. A história dos costumes, no entanto, deve ser o resultado de uma problematização ou de uma crise da evidência de uma comunidade de certa época e lugar. O historiador não deve, portanto, ter como ponto focal enunciar grandes verdades, ser o descobridor de princípios ou de leis que percorram a história de um dado objeto, mas deve se perguntar sobre como este objeto particular se constituiu, em que momento isso se deu, em que lugar ocorreu e a que interesses táticos e estratégicos obedecem.

Em seus estudos sobre os costumes, Foucault, não buscava a tradição de resistência, de rebeldia, de rebelião de um lado do sujeito, que possibilitasse a sua legitimação, como agente de transformação social e estabelecedor de identidade. Foucault apenas quis mostrar que a revolta é possível, é criativa, instaura a diferença, inclusive a diferença em nível de regras de produção dos sujeitos. ALBUQUERQUE JUNIOR (2007) nos mostra que os estudos de Foucault nos levam a novas formas de nos relacionarmos com os costumes:

*O pensamento de Foucault significa, pois, para quem quer trabalhar com o campo da história dos costumes, uma opção teórico-metodológica fértil e inovadora e sua vida pode se tornar fonte de inspiração para instauração dessa nova erótica, ou seja, essa nova forma de atividade, que substitua a simples obediência a um código moral pela elaboração de uma ética sobre como se transformar num determinado tipo de pessoa. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007:119).*

Em “Microfísica do Poder” (2008), Michel Foucault apresenta o pressuposto de que o papel do intelectual na sociedade não deve estar preso aos espaços acadêmicos apenas. As construções históricas ou sociológicas sobre as doenças, como categoria de análise dos estudos sociais, podem ser visto a partir de uma relação não estanque e, portanto sem a rigidez de um determinismo regional. Entender a construção da Identidade social, do lugar do outro dentro da sociedade, a partir de uma estigmatização como a causada pela doença, é fundamental para que novos sentidos possam ser agregados e principalmente que estes estigmas e estereótipos possam ser desconstruídos.

O estudo sobre a Lepra, com foco sobre os portadores da doença, no interior de Goiás, abre uma teia de possibilidades quanto à afluência a esta localidade, bem como a formação de uma identidade impar caracterizada, tanto pela permanência, como pelo tratamento dispensado a eles pela população local. O estereótipo criado em torno da doença, cria o desconhecido, fortalece a identidade do outro, que é “bárbaro” e “excêntrico” quanto à imagem, mas que faz parte da civilidade e da realidade.

## BIBLIOGRAFIA:

### Fontes:

JUNIOR, Novelli. *Padre Bento Dias Pacheco – um Século e uma Vida*. Editora Sedegra, Rio de Janeiro, 1983.

FERREIRA FILHO, Nardy. *O Padre Antonio Pacheco da Silva – Primeiro Apóstolo dos Lázarus no Brasil*. Editora São Paulo: São Paulo, 1950.

PINHEIRO, F. B. Marques. *Irmandade do Santíssimo Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria e suas repartições, Côro, Caridade e Hospital dos Lazaros*. Volume I, Typographia Moreira Maximino, Chagas e C.: Rio de Janeiro, 1894.

SOUZA ARAÚJO, Heraclides Cesar de. *História da Lepra no Brasil – Períodos Colonial e Monárquico (1500-1889)*. Volume I, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1946.

SOUZA ARAÚJO, Heraclides Cesar de. *História da Lepra no Brasil – Período Republicano (1890-1952)*. Volume III, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1956.

### Referências:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BÉNIAC, Françoise. *O medo da lepra*. In: *As doenças têm história*. Lisboa, Portugal: Terramar, 1985.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

BRESCIANI, Maria Stella. *Prefácio*. In: *As máscaras do medo: Lepra e Aids*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

DIAS, Ivone Marques. *Alguns aspectos sobre a Lepra na Idade Média em Portugal*. In: *A Vida na Idade Média*. Org. Maria Eurydice de Barros Ribeiro. Brasília: Editora UNB, 1997.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol. I: *uma História dos Costumes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LE GOFF, Jacques. *Uma história dramática*. In: *As doenças têm história*. Lisboa, Portugal: Terramar, 1985.

MELLO, Dorival Carvalho. *Jatahy, Páginas Esquecidas*. Sudografica, Jataí, GO, 2001.

TRONCA, Italo A. *As máscaras do medo: Lepra e Aids*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.